

# Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Monteiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Assinatura para Portugal, colonias e Hespanha	Assinatura conjunta do Seculo, Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portugueza
Anno..... 4\$800	PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA
Semestre..... 2\$400	Anno..... 8\$000   Trimestre..... 2\$600
Trimestre..... 1\$200	Semestre..... 4\$000   Mez (em Lisboa)..... 700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



## Summario

Capaz: MENINA MARIA MAGDALENA FRANCO LEAL, 1.º premio do fest'val das creanças no Colyseu (cliche da phot. Vasques) \* Texto: UM REI QUE NÃO REINOU, 24 illustr. \* O TEU RETRATO, 3 illustr. \* UM CASAMENTO ELEGANTE, 4 illustr. \* UMA CAMPANHA HUMANITARIA, 2 illustr. \* O ATTENTADO REAL NA HISTORIA PORTUGUEZA, 9 illustr. \* A AGONIA DO ENTRUDO ALFACINHA, 6 illustr. \* A FESTA DAS CREANÇAS NO COLYSEU, 8 illustr. \* ICONOGRAPHIA DO ATTENTADO, 8 illustr. \* SPORT DE INVERNO:

**LOÇÃO DEQUEANT**

CABELLO  
BARBA  
PESTANAS  
SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na Academia de Medicina de Paris contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabeludo.  
**L. DEQUEANT, Pharmacofer 38, Rue Clignancourt, Paris.**  
Em LISBOA, 19, Rua do Arco e Jesus, a quem devesse dirigir para todas as informações gratuitas.  
A Venda em todas as boas casas do PORTUGAL.

**L'Epil'vite**

**CREMA EPILATORIA**  
prompta a ser empregada.  
Resultado garantido.  
Agradavelmente perfumeada, dissolve instantaneamente

as pennugens desengraçadas, e barba, os pelos os mais duros do rosto e do corpo. — Não produz borbulhas, não irrita a pelle a mais delicada.

**M. A. GRAZIANI, Phar. de 1ª classe, 63 Rue Rambuteau, Paris,**  
Agente de Portugal: **CURIEL & DELIGANT, 19, R. do Arco e Jesus, Lisboa.**

**NESTLÉ**

FARINHA LACTEA

Preço 400 réis

36 medalhas de OURO incluindo a conferida na Exp. Agricola de Lisboa

**PENSIONISTA**

ALFRED MERTIG

Professor de physica da Escola Polytechnica

Mittovcida (Saxonia)

**AS GOTTAS CONCENTRADAS de FERRO BRAVAIS**

o mais efficaz remedio contra ANEMIA

CHLOROSE, CORES PALLIDAS

Sem cheiro nem sabor o Ferro Bravais e

recomendado por todos os medicos do mundo.

Não constipa, e ventra. Não eno-

grece os dentes — Já em pouco tempo

SAUDE — VIGOR — FORÇA — BELLEZA

DECOMPARAR NAS LITRAGENS

20 se vende em GOTTAS e em PILLULAS

1000s. Pharmacia de Braganza. — Botellas: 130, Rue Lafayette, PARIS.



O passado, presente e futuro revivido pela mais celebre  
chromante e physionomista da Europa

**Madame BROUILLARD**

**D**ez o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chronomancia, chronologia e physiognomonia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lamproze, d'Arpenigny, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathgoria: a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete:

43, RUA DO CARMO, sobre-loja — LISBOA

Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.

**Discos SIMPLEX**

De double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais variado e moderno repertorio em musica e canto dos melhores autores nacionaes e estrangeiros. Marca registada, propriedade exclusiva de **J. CASTELLO BRANCO**.

Preços excepcionaes e grandes descontos para a venda no Brazil e colonias portuguezas. Grande deposito de discos e machinas falantes. **PEDIR CATALOGOS a**

**J. CASTELLO BRANCO**

R. de Santo Antão, 32, 34 e 82

LISBOA

**ALIMENTO DELICIOSO!  
BANANINE MIALHE**

Farinha de Bananas esterilizada, chocolataada e phosphatada

Recomendada aos estomagos delicados

ORIANÇAS - CONVALESCENTES - VELHOS

Pharmacia del Dr. MIALHE,  
PROFESSOR NA FACULDADE DE MEDICINA  
8, rue Favart, PARIS

**SEIOS**

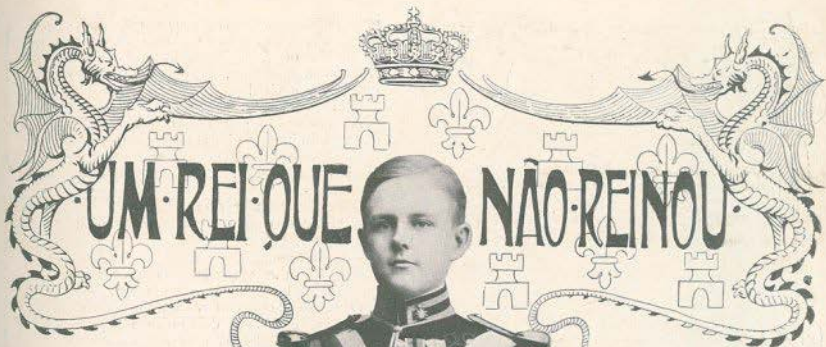
Desenvoididos, reconstituídos, aformo-eados, fortificados com as PILLULAS ORIENTAES. O unico producto que em dois mezes, assegura o desenvolvimento e a firmeza do peito sem causar danno algum á saude. Aroavado pelas notabilidades medicas. **J. Ratié, Ph. 5, Passage Verdau, PARIS.** Frasco com instruções, 16500 rs. Franco para vale do correio, enviado a **J. P. BASTOS & C.ª, 39, RUA AUGUSTA, 39 — LISBOA**

**Novo diamante americano**

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 rs., broches a 800 rs., brinços a 1500 réis o par. Lindos collares de perolas a 15000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. Não confundir a nossa casa

Rua de Santa Justa, 96 (Junto ao elevador)





(CARTA A M. B.)

A «Ilustração Portuguesa», que timbra sempre em offerecer aos seus leitores uma informação completa e authentica sobre todos os factos e acontecimentos de actualidade, e que por esse motivo não podia deixar de consagrar naturalmente um artigo ao Príncipe D. Luiz Philippe, victima do attentado de 1 de fevereiro, lembrou-se de convidar para escrevê-lo ao sr. Manuel de Oliveira Ramos, que ao merito de escriptor apromorado, que é, entre os mais delicados pela forma e pelo conceito, reunia a qualidade de possuir um intimo conhecimento, por ter sido um dos seus professores, do sympathico e malogrado Principe, — rei durante o transe amargo de alguns poucos minutos em que porventura nem elle teve a consciencia da sua realza.

**F**ALEMOS, pois, do Principe, já que assim o queres. Porque quanto a mim, quer queira quer não queira, cá o tenho no pensamento, a todo o instante. Mas que posso eu dizer-te d'elle que tu não saibas melhor do que eu? Conhecestel-o tão bem, e eu por tão pouco tempo? Como revejo, n'um relance, o passado e o futuro confundido sobre o doloroso momento que passa! Parecem-me duas sombras que correm nas azas d'um relampago!

Emfim — morreu. Chamar tragedia, injustiça su-



(CLICHÉ BOBONE)

prema das coisas, ao acto que o arrebatou de entre nós — como tudo isto me parece um simples jogo de palavras! Pois tu não achas que ha coisas que se não deixam exprimir? As energias sociaes, como as energias sismicas, são cegas. A terra freme: arraza indistinctamente. Onde está aqui a logica? Ha um abalo que prostra uma creança boa e sem culpa na morte? E! uma brutalidade que fere tanto o nosso coração, como o nosso espirito. Mas nós não passamos de uns bonifrates que o mysterio agita. E eu tenho sempre gravadas na alma aquellas palavras de Hamlet ao seu amigo: — Ha mais mysterios entre o céu e a terra do que os que pode sonhar a nossa philosophia.

Ora calcula tu que eu fui surpreendido pela jornada terrivel em meio da leitura do mais recente estudo que eu conheço sobre Miguel Angelo. Aquelle grande homem que deu o nome a um século foi testemunha e actor dos tragicos acontecimentos que tão profundamente agitaram a sua patria. Como não havia de ser o primeiro pessimista do seu tempo e um dos maiores poetas da tristeza humana! Foi elle quem disse: — *Mille fierer non vaglion un tormento!*

Não foi elle quem disse, no seu catholicismo sombrio, que os eleitos do céu eram aquelles cuja morte seguia de mais perto o nascimento? E sabia-o por experiencia!



*D. Luiz Filippe com  
a sua ama*

Il dico e so per prova  
Di me, che'n ciel quel solo a  
miglior sorte  
Ch'ebbe al suo patto piu presa  
la morte.

Pensamento que um outro irmão da grande confraria da Dôr, o nosso Anthero, traduziu tão nobremente:

Pois não era melhor na paz  
do nada e do que ainda não  
existe  
Ter ficado a dormir eternamente?

N'este ambiente de idéas e sentimentos me veio encontrar o caso inominado. E vi-o, ao nosso Príncipe, de pé, na sua caruagem, imagem viva da maior agonia moral, com o Pae fulminado, ali—esse Pae que elle adorava e que o adorava! E esses segundos sem nome viveu—os essa admiravel creança, alma aberta aos affectos

mais delicados, e cerrada, como com portas de diamante, a tudo quanto fôsse violencia ou odio. E comtudo ainda houve Alguem mais infeliz, porque viu mais do que elle—e vive!

.....  
Ao correr da penna feri, creio eu, a corda dominante d'aquella alma gentilissima—a doçura. A doçura com um leve resabo de tristeza. A algum perguntou elle um dia:

— Pareço-lhe alegre ou triste?

— Um tanto sobre o triste, respondeu-lhe o interlocutor.

— Talvez.

E illustrou a resposta com um sorriso que ia mais longe do que a palavra.

O nome de Pedro V acudiu mais de uma vez, e a mais do que uma pessoa, tratando-se d'elle. E essa approximação lisongea-o. Era, talvez, um dos seus proto-tipos, com o rei D. Duarte, da mesma familia de delicados e melancolicos que consideravam o mando supremo como um calvario.

O seu instinctivo horror pela violencia



*D. Luiz Filippe aos 8 mezes*





*D. Luíz Filippe aos dois e tres annos de idade*



A princesa D. Amélia com o seu primogenito

até o continha nas suas mais vivas admirações litterarias ou artisticas. Aquelle primacial escriptor que em tão alto grau possuio o condão das lagrimas e do riso, e a quem um lexico opulento e uma grande imaginação verbal conferiram o patriarchado do sarcasmo e da polemica, esse escriptor fascinava-o, mas — como dizelo — feria-o, amarrotava-o.

Dos escriptores do periodo post-romantico, tres açambarcavam quasi por completo a sua admiração: João de Deus, Anthero de Quental e o Eça de Queiroz de «A Cidade e as Serras», o Eça que elle conhecia e que era o melhor do Eça, quando o analysta começa a enternecer-se, e o ironista a crêr...

Em Herculano via elle a nobre figura que tão de perto conheceu seu tio-avô e tão do coração chorou a sua perda.

O Principe conhecia bem a estatura d'esse que foi, talvez, o maior portuguez do seculo findo. De conhecel-o a sentil-o e amal-o vae alguma distancia. Transpôl-a-hia: as tendencias do seu espirito grave, reflectido e ponderado, garantiam essa approximação. Mas o certo é que *ainda não era tempo*, como dizia o santo condestavel em bem dive:sa occorrença. Herculano era um *antigo*, e foi-lhe estranha a ternura, ou antes a brandura do espirito. E' um nobre e illustre misanthropo que afugenta

os espiritos moços. A ternura da alma essa tinha-a decerto, mas levou-a consigo.

Que elle tinha serias e pouco vulgares tendencias de espirito, mostrava-o a preferencia que dava a certas leituras. Não ignora o interesse com que lia, no original allemão, a obra capital de Schmoller, o eminente economista austriaco; e essa original e audaciosa historia da cultura humana de Chamberlain, o Chamberlain allemão tão conhecido pelos seus estudos sobre a esthetica wagneriana, etc.

E a sua grande paixão pelasciencias naturaes! Era uma herança de familia, como o proprio sentimento da natureza, que n'elle alvoreceu antes do tempo. Os espectaculos que a natureza offerece são um regalo da edade madura e da velhice — raro o são da juventude. Aqui, porém, não se dava isso. E entre as reminescencias dos seus passeios pelo paiz e da sua memoravel digressão pelas colonias portuguezas (de que fez um *Diario* para seu uso) contavam as que mais consolavam o seu coração de portuguez e o seu enthusiasmo de *touriste*. A natureza tropical deslumbrou-o. Trouxe a saudade d'aquelles maravilhosos panoramas — e pensava revivel-os um dia.



A princesa D. Amélia com o principe da Beira e a sr.<sup>na</sup> condessa de Sabugosa



Como o encantou e o commoveu o espectáculo da nossa actividade colonial!

— Ainda somos *alguem!*

Abre-se-nos um largo futuro, dizia com grande fé.

E accrescentára que El-Rei o incitára áquella viagem, com estas ou equivalentes palavras:

— Vae. Outro tanto devia eu ter feito.

Não me sae da lembrança a singela narrativa que fazia do seu regresso de Africa. E o alvoroço quasi infantil com que acolheu o annuncio de *terra!*

— Que agradável, quando essa *terra* é a nossa *terra!* dizia elle.

Essa terra que dentro de tão pouco seria o seu tumulo.

El-Rei D. Carlos tinha, como se sabe, um grande talento artistico. E não era apenas um dilettante, ou um fino entendedor: era um artista de raça.

O nosso malaventurado Principe era um apaixonado da pintura, como da musica. Até que ponto se pode dizer que herdou os talentos paternos? Eis o que só o tempo poderia dizer. Gostava de vagabundear com o lapis sobre o papel, comprazendo-se em pequeninas marinhas, *silhouettes* de navios de guerra, ou perfis dos nossos barcos populares,



Os duques de Bragança, D. Carlos e D. Amelia, com seu filho primogenito, o principe da Beira



A rainha D. Maria Pia com seu neto, o principe da Beira

que conhecia na sua infinita variedade. Passatemos innocentes, divagações onde não faltava a elegancia, o gosto que punha em tudo quanto tocava. Porque o Principe sabia, como todas as almas candidas e boas, transformar em vivos prazeres os pequenos nadas da vida. ~~Como~~ isto, só isto, daria um capitulo!

O Principe tinha, ha talvez dois mezes, adquirido algumas publicações d'arte do maior interesse: o *Hans Holbein*, de Paulo Mantz; a *Oeuvre de Rembrandt, décrite et commentée par Charles Blanc*; *Vie et oeuvre de Pierre Paul Rubens*; *Vie et oeuvre de Titien*, par Georges Lafenestre.

Em arte andava pelas cumiadas. E se em pintura o interessavam Ticiano, Rubens, Hans Holbein e Rembrandt, entre tantos outros, na musica, graças a disposições congenitas que faziam d'elle um musico de instincto, e instincto cultivado na melhor direcção, atraia-o a formidável inspiração de Beethoven, sensibilisava-o Chopin e levava até aos extremos de um verdadeiro culto o seu entusiasmo por Wagner. E' indiscutivel que sentia a grande arte.

A' semelhança de tantos outros dilettants de raça, não se sentia arrastado pelo que a musica tem de tecnico, e não dispenderia nem dispenderia o seu tempo em cultivar-a como executante. A sua propria memoria



*D. Luiz Filippe e seu  
irmão o infante  
D. Manuel,  
hoje rei, n'uma  
tournée em Cintra*

musical não tinha nada de notavel, como não se pode dizer que herdasse, fóra ou dentro da musica, a tradicional memoria da sua familia.

Era, artisticamente, uma sensibilidade pouco vulgar, muito accessivel ao grande, ao delicado e ao elegante.

A sua intelligencia, mais firme e precisa do que brilhante, tinha talvez mais de germanica do que de meridional. Era, se assim posso dizel-o, muito objectiva e pouco propensa ás abstracções. Avida de factos, de pormenores precisos e incisivos. Esta necessidade de precisão era até precoce e indicava no seu espirito uma maturidade temporã. A preocupação da propriedade no termo. Ha um substantivo e um adjectivo para cada coisa, e só um. Não o dizia um grande escriptor moderno, não sei qual, nem onde?

Descrevendo fôsse o que fôsse, era raro que o lapis não viesse com-



*D. Luiz Filippe aos 14 annos*



*D. Luiz Filippe, alumnio da Escola  
do Exercicio*





*D. Luiz Filippe  
n'uma tourada  
em Cintra*



*D. Luiz Filippe á alemtejana*

pletar a palavra, localizando um episodio, um facto, com minucias de topographo. E era um topographo por inclinação, por gosto, dotado de uma excellente memoria dos logares, per-tencendo ao grupo que os psychologos chamam dos *visuaes*.

Ainda lembro as impressões que trouxe da sua viagem de estado-maior feita com um grupo de officiaes d'aquelle especialidade sob a direcção do actual ministro da guerra. Impressões como militar, como companheiro de trabalhos, como viajante. O Principe era militar de coração, de nascimento, mas era-o tambem por espirito, por cultura profissional, que, como se sabe, era dirigida por dois notabilissimos especialistas. Porque nunca será de mais dizer-se que a educação do malogrado principe marca uma era na historia da casa real portugueza. Não sei de nenhum cuja educação e instrução fôsse tão des-



*D. Luiz Filippe, alumno do Collegio Militar*



*D. Luis Filipe, regente do reino em 1906*

(CLICHÉS DA PROT. BOBONE.)





velada, tão completa, tão cuidada. O pensamento de reunir em torno do herdeiro da corôa os melhores elementos, as melhores influencias moraes e intel-

dio terrivel, inexplicavel e para o qual a historia não offerece um precedente! Educado pela mais incomparavel e desventurada das mães, esse pobre mo-



Suas Altezas o príncipe D. Luiz Filippe e o infante D. Manuel, na romaria de S. Pedro, em Cintra, no verão de 1905—O príncipe D. Luiz Filippe, porta estandarte do regimento de lanceiros 2.º, como tantos outros da sua estirpe, teve uma existencia extremamente trabalhosa e não conheceu, não gosou a metade das distracções



PRINCIPE D. LUIZ FILIPPE, ALFERES DO REGIMENTO DE CAVALLARIA 2, COM A RESTANTE OFFICIALIDADE DO SEU REGIMENTO

*(N'esta interessante photographia vê-se o Principe Real occupando entre os seus camaradas o logar que lhe compete na hierarchia militar, com prejuizo da sua alta hierarchie politica)*





Aspectos do gabinete de estudo do príncipe real  
D. Luiz Filipe, no paço das Necessidades  
(CLICHÉS DE BENGLIEL)

que conhecem e gosam os filhos da classe media, e até de camadas ainda menos favorecidas.

Ocupado nos seus estudos desde as 6 da manhã até ás 7 da tarde, apenas com os intervallos necessarios, para as refeições e um exercicio physico — equitação, esgrima, *tennis*, tanto o Principe como o actual Rei só tarde frequentaram os espectaculos publicos. Se bem me lembro, El-Rei D. Manuel assistiu pela primeira vez a um espectáculo pela vinda da orchestra de Berlim a S. Carlos, ha uns 6 annos.

E assim as alegrias mais simples, as diversões mais banaes encantavam o nosso Principe, creado n'aquella *douceur sévère* de Montaigne que não exclue o carinho — muito longe d'isso! — mas isola de contaminações e livra da jaça o puro esmalte dos prazeres de bom quilate, se os ha n'esta pobre vida. N'esta hora tão escura para todos, manda a piedade — e a verdade — que se diga que os grandes tem privilegios, certamente, mas que não ha mãe ou esposa portugueza que os inveje á rainha de Portugal.

.....  
Caracter sem senão, sem uma sombra; profundamente humano e compassivo; a delicadeza mais extrema, não só a exterior, a da educação, que era primorossissima e seduzia toda a gente que se abeirasse d'elle, mas a delicadeza interior, a que vem da alma e se traduz por todas as fórmãs do respeito, da amizade, da generosidade, da *sympathia* pelos fracos — os humildes, as creanças, — da admiração por todas as superioridades reaes; o horror da violencia e da grosseria, ainda que fôsse a violencia ou a grosseria da palavra no dominio da obra litteraria; alma equilibrada e harmoniosa em corpo são e perfeito — a saude, a frescura, a admiravel agudeza de sentidos, aquelle ar gentil e desallectado que o tornavam no dizer de um dos nossos e seus melhores amigos, um principe como os dos contos das fadas, com *uma estrella na festa*.

Mal diria o nosso amigo e grande artista que terrivel estrella era a do pobre principe, de gentilissima e impercível memoria!

Estrella fatidica que levaria o melhor dos moços e dos principes a ter a morte que costuma dar-se... ás feras!

Contraste horrivel como não poderia sonhál-o um Shakspeare!

M. DE OLIVEIRA RAMOS.



# O · TEU · RETRATO ·

*Irmão, que em vida já não torno a ver,  
lá fui à aldeia que por ti chorou,  
onde o teu coração tanto souhou,  
oude, ai! de mim! nasci p'ra te perder.*

*Levava o teu retrato onde ficou  
a imagem linda do teu lindo ser:  
mostrei-o ao povo, e não te sei dizer  
com que saudade o povo o contemplou.*

*Cada moça que o via o conservava  
entre as mãos carinhosas, longamente...  
Aquella toda risos, soluçava...*

*Ontra, fitou-o com tristeza infanda...  
Estaria a pensar que a achavas linda;  
pois beijou os teus olhos, santamente.*

CANDIDA AYRES DE MAGALHÃES.

Pintens—Dezembro de 1907.



*Dr. José Vaz de Carvalho  
Ayres de Magalhães,  
fallecido em 18 de novembro  
de 1907*

# LEGAÇÃO · DO · BRAZIL ·



O corpo diplomatico acreditado em Lisboa sente a estas horas a falta de um dos seus mais illustres e sympathicos ornamentos: a do representante plenipotenciario da Republica dos Estados Unidos do Brazil, o dr. Alberto Fialho, recentemente deslocado para a legação de Roma. Não podia a *Ilustração Portuguesa*, que o illustre diplomata distinguuiu sempre com as suas deferencias, passar sem registar com sincero sentimento a ausencia do representante do Brazil, a quem o governo do seu paiz, em reconhecimento dos seus serviços relevantes, acaba de confiar o posto trabalhoso de Roma. O dr. Alberto Fialho deixa saudades em todos os que obtiveram a honra das suas relações pessoas, como sua esposa deixa na sociedade de Lisboa o insubstituivel prestigio da sua formosura e da sua graça.



*Dr. Alberto Fialho e D. Sarah Hamilton Fialho, antigos ministros do Brazil em Lisboa (CLICHÉS BOBONE).*



## UM CASAMENTO ELEGANTE



*Conselheiro  
Calvet de Magalhães  
e convidados  
saíndo da igreja*

*Os noivos,  
sr.<sup>a</sup> D. Maria Luiza  
Calvet  
de Magalhães  
Cardoso e Ruy  
Mousinho  
de Albuquerque  
de Orey, à saída da  
igreja recebendo  
felicitações*

*Entrando para  
a igreja*

*A mãe da noiva*



## UMA CAMPANHA HUMANITARIA



*Exame medico aos alumnos da Voz do Operario, n'uma das salas da redacção do Seculo*

(CLICHÉS DE BENGLIET)

# Attentado Real na Historia Portugueza

A recordação dos attentados e das tentativas de regicídio praticadas contra diferentes soberanos portuguezes, a começar desde D. João I, não pode deixar de interessar os leitores da Illustração Portugueza, pela triste oportunidade que offerece n'esta occasião. E' além d'isso, uma historia cheia de lances singulares e de bastantes episodios dramaticos, que despertam, naturalmente, uma commovida attenção. De começo, quasi sempre é a nobreza que conspira contra o rei, que, como D. João II, se pretende coarctar as largas prerogativas. Sejam fidalgos ou plebeus, contudo, o castigo é fulminado invariavelmente com a mais dura severidade, que attinge, por vezes, os limites mais extremados da crueldade, como n'essa execução barbara dos Tavoras, cujos pormenores arripiam. São todos estes factos e circumstancias que nos propomos narrar no presente artigo, extraindo-os das paginas agiltadas da historia que os regista.

O MESTRE DE AVIZ ♣ ASSASSINOS ASSALARIADOS POR CASTELLA ♣ O ESCUDEIRO GARCIA GONÇALVES QUEIMADO VIVO ♣ MONSTRUOSA DESFORRA ♣ O DESFORÇO GLORIOSO DE ALJUBARROTA ♣ MORTE SUSPEITA DE D. DUARTE

As tentativas que a historia regista contra a vida de D. João I são anteriores á sua elevação ao throno. São, em todos os casos que andam citados, tramas urdidas pelos sequezes e partidarios de Castella contra o Mestre de Aviz, que com tanta fortuna e nobre ardor defendia a autonomia do reino. Por vezes se tem referido tambem que o celebrado Barbadão de Veiros se defrontára uma vez, de besta aperrada, com o Mestre, em um plaino do Alemtejo, e lhe intimára, sob ameaça de morte, a legitimação do filho bastardo que foi conde de Barcellos e primeiro duque de Bragança. Deve



Deixa sem maris justicada D. Leonor de Tavor  
a py Marquêza deste Titulo



O supplicio da marquêza de Tavora

tratar-se, porém, de uma lenda, como outras que se tem formado á volta da figura do sapateiro de Veiros, de já algo incerta authenticidade.

A primeira conspiração descoberta contra o Mestre de Aviz, fôra combinada entre varios fidalgos, que tendo a tempo aviso ou suspeita de ter sido conhecido o seu plano, se escaparam para Castella, caindo por isso nas mãos de D. João, afóra alguns comparsas de importancia secundaria, apenas um escudeiro asturiano de nome Garcia Gonçalves. O preso desculpava-se naturalmente com evasivas. O Mestre, então, mandou-o lategar pelo carrasco, em frente da hoste, e com a dôr da carne rasgada, que espirrava sangue para cima dos soldados, conseguiu arrancar-lhe a confissão completa. A punição não se demorou em seguida, e foi terrivel. Amarraram o desgraçado a um poste, que se cercou por uma meda de lenha, a que deita-





A EXECUÇÃO DOS TAVORAS, GRAVURA DO TEMPO PUBLICADA COM A SEGUINTE LEGENDA:

*Demonstração ao Teatro em que depois de justicados os Reos (que barbara, e sacrilegamente quizerão tirar a vida a El-Rei N. S. que D.<sup>o</sup> 5.<sup>o</sup> de) como se vê nas estampas antecedentes, e expostos sobre as rodas, ultimamente forão queimados todos: Antonio Alvares Ferreira, vivo, e José Polycarpo de Azevedo em Estatua.*

1. a que foi Marquês de Tavora.

2. Jozé Maria.

3. o que foy Conde de Atouguia.

4. o que foy Marquez de Tavora, Filho.

5. Manoel Alvares Fr.<sup>a</sup>

6. João Miguel.

7. Braz José Romeiro.

8. o que foy Marquez de Tavora, Fuy.

9. o que foy Duque de Aveiro

10. Antonio Alvares Fr.<sup>a</sup>

11. José Polycarpo de Azevedo.

ram fogo depois de a regar com oleos. O lume pegou logo, confundindo-se os estalidos da madeira com o bater de dentes do asturiano, exausto de forças, assombrado de medo. Mas a chamma cresceu, começou a lamber-lhe os pés, a subir, envolvendo-o, queimando a carne, que rechinava.

O Mestre assistia. O rosto duro e expressão impassível. O misero gritava agora desesperadamente, no meio de contorções da mais pavorosa agonia. Os seus bramidos atroadores ouviam-se no campo

inimigo, e então João Duque, que governava uma mesnada de Castella, e que parece fôra o sужestor da traição, cheio de raiva, mandou cortar as mãos e mutilar os narizes aos prisioneiros portuguezes que lá tinha, e enviou-os ao Mestre de Aviz, ensanguentados, com os membros decepados pendurados aos pescocoos. O furor e a irritação de D. João, deante d'aquelle tragico espectáculo dos seus, não conheceram limites. Por sua vez, ordenou que trouxessem todos os captivos castelhanos e os lançassem dentro de uma cisterna



o que se fez. Não lhe bastou, porém, esta cruel retaliação. Excitava-o violentamente a afronta e queria vingal-a por forma mais solemne. Só se lhe satisfez o animo com a nobre desafronta que tirou em Aljubarrota, e que, para memoria da vingança obtida, ao mesmo tempo que por legitimo orgulho de uma tão brilhante victoria, que glorifica o valor portuguez, quiz perpetuar no edificio monumental da Batalha. De outra

tentativa para o assassinar escarpou ainda o Mestre de Aviz. Foram dois individuos peitados por Castella, de nomes Baeça e Valdez, que pretenderam apunhalal-o, e que pagaram a traição com as cabeças.

Depois de aclamado rei a 6 de abril de 1385, nas côrtes de Coimbra, não existe noticia de qualquer attentado, ou simples tentativa mesmo, contra o fundador da dynastia de Aviz.

E até D. João II pode dizer-se não ter havido qualquer facto de semelhante natureza, visto ser bastante duvidosa a versão de ter morrido envenenado o intelligente e melancolico D. Duarte, e

ser bem incerta tambem a significação do episodio do reinado de D. Afonso V, que teve em Alfaroqueira o doloroso desfecho da morte do infante D. Pedro.

Não é para aqui, evidentemente, discutir a maior ou menor veracidade d'essas versões.

«O REAL CARRASCO» ♣ LUCTAS ENTRE D. JOÃO II E A NOBREZA ♣ MOTIVOS DA SUA INIMIZADE PESSOAL CONTRA O DUQUE DE BRAGANÇA ♣ O PROCESSO E A DECAPITAÇÃO D'ESTE ♣ O MARQUEZ DE MONTE-MÓR EXECUTADO EM EPIGIE

Em compensação, D. João II viveu todo o seu reinado n'um constante sobresalto, vendo-se forçado a suspeitar de toda a gente,

incluindo aquellos que mais de perto o rodeavam. Tambem a severidade das punições com que castigava os culpados de conspirar contra a sua pessoa, sem o preocupar que fôsem, alguns, representantes da mais alta e poderosa fidalguia, não poderia facilmente ser excedida. Camillo Castello Branco chega a escrever, revoltado:

«O real carrasco, a quem infamissimos aduladores da corôa chamaram o *Principe perfeito*, surge hediondo diante da posteridade, alçando-se por sobre a nuvem dos incensos, com quethuribulos abjectos cuidavam escondel-o à excreção dos vindouros. Raro ha quem se cance em esgravatar razões d'Estado, que contrapezem a ferocidade do filho de Afonso V. A historia, á volta d'elle, o que encontra é cadaveres, oitenta cadaveres de homens illustres, uns estrangulados, outros decapitados, estes mortos a pu-



RETRATO DE D. JOÃO II, MESTRE DE AVIZ

ção dos vindouros. Raro ha quem se cance em esgravatar razões d'Estado, que contrapezem a ferocidade do filho de Afonso V. A historia, á volta d'elle, o que encontra é cadaveres, oitenta cadaveres de homens illustres, uns estrangulados, outros decapitados, estes mortos a pu-



nhal, aquelles a peçonha. *Oitenta*, confessou elle o numero quando a morte lhe acenava de perto, e se lhe desabafava a consciencia, supplicando ao papa constrictamente o perdão dos seus peccados.»

Comquanto se deva attribuir á rudeza dos costumes do tempo, e sobretudo á necessidade que o monarcha tinha de defender-se contra a nobreza que o detestava e conspirava, os seus actos mais violentos de vingança e represalia, a verdade é que D. João II tinha, como vulgarmente se diz, cabellos no coração.

A historia das suas luctas com a nobreza abre logo com o principio do reinado. Depois de acclamado, em 31 de agosto de 1482: o primeiro acto do filho de D. Afonso V foi impôr aos alcaides das fortalezas uma formula de menagem mais completa do que a que fôra até então usada, e em seguida revogou os alvarás de mercês e remunerações que eram pagas pelos bens da corôa. E poucos mezes depois de rei mandava

reunir côrtes em Evora, para ouvir as queixas dos procuradores dos concelhos contra as extorsões e violencias dos nobres. O povo, que começava a perceber que ia encontrar no soberano um aliado, puzera-se decididamente ao seu lado, emquanto os fidalgos descontentes e alarmados se concertavam entre si para a resistencia contra o moço rei, que

ao contrario do pae, o qual não fizera senão engrandecer-os, parecia propôr-se a diminuir-os e humilha-os.

Abertas as côrtes em novembro, os primeiros capitulos apresentados pelos procuradores do povo foram todos contra a nobreza. E' de presumir, de resto, que os partidarios do rei fôsem os proprios que tivessem aconselhado e incitado essa attitude.

Uma das accusações era a de estarem muitas villas e logares importantes separados do dominio da corôa e entregues por doações a fidalgos que pouco caso faziam da justiça e direito, vexando os moradores. Respondeu D. João que ia mandar averiguar quaes d'essas terras andavam usurpadas, para as fazer reverter immediatamente á corôa, e egualmente mandar inquirir sobre as injustiças e violencias que se praticavam nas terras coutadas e honradas. Comprehende-se a irritação que taes resoluções provocaram no espirito da nobreza, que, suppondo dispôr de



D. DUARTE, O AUCTOR DO «LEAL CONSELHEIRO»

força para impôr a sua vontade ao soberano, não disfarçava sequer os seus sentimentos de declarada hostilidade. O duque de Bragança, D. Fernando, que era então o mais poderoso senhor do reino, e d'essa circumstancia tirava uma grande arrogancia, salientou-se mesmo em taes manifestações.

D. João II possuia motivos de inimiza-

de pessoal antigos contra o duque de Bragança. D. Fernando, chefe da casa de Bragança, que disputava já primazias de fidelidade e de poderio com a dos reis, era pouco mais novo que Afonso V e desde a mocidade de ambos ligara-os sempre uma viva amizade, quasi fraterna. A tal ponto ia a sympathia do soberano pelo seu valido que, afóra outras provas de particular affecto, lhe deu em casamento uma irmã da esposa

que escolhera para o filho. ambas sobrinhas suas, filhas do infante D. Fernando. Era natural que a vaidade e o orgullo do duque de Bragança se exaggerasse em taes condições, o que o levou, por mais de uma vez, a querer estabelecer um tratamento de inteira egualdade com o principe herdeiro da corôa, que, com o seu character excessivamente brioso, já mais esqueceu taes soberbias e petulancias. O antagonismo entre os dois era claro e accentuado, tendo-se por vezes manifestado em violencias de lingua-gem tão escandalosas que os chronistas não puderam deixar de guardar memoria d'ellas, especialmente do famoso incidente occorrido depois da batalha de Toro.

Subindo ao throno, D. João, que não esquecera nem perdoára, encontrou um excellente enseo de saciar o seu velho odio, quando um servilz traidor do duque de Bragança lhe deu conhecimento, escondidamente, de umas cartas que subtrahira ao amo e que

provavam que elle mantinha in-

telligencias secretas com os reis de Castella. Mandou repôr os documentos compromettedores no sitio de onde haviam sido tirados, recommendou a maior discricao ao denunciante, e disfarçou, estabelecendo, porém, em volta do arrogante vassallo uma cerrada rede de espionagem a todos os seus actos.

O Marquez de Montemór, que o rei tivera necessidade de castigar, embora moderadamente, irritado, apangi-guára-se tambem com os reis de Castella, e reunido como duque de Bragança, os outros irmãos o duque de Vizeu, em uma conferencia no Vimieiro, assentaram em um plano de conspiração contra o soberano, que lhe foi egualmente revelado pelos respectivos creados. D. João II continuou, porém, no mesmo regimen de dissimulação, preparando-se, em todo o caso, para ferir um golpe mortal nos conspiradores.

O duque de Bragança veiu á côrte acompanhar o principe D. Afonso, de regresso de Moura, depois de desfeitas finalmente as tercarias. Agora, com a segurança pessoal do filho unico garantida, o coração duro do soberano já não

trepidava. Chegára o momento de pôr em pratica o que de ha muito trazia premeditado. Recebeu comtudo, D. Fernando com a melhor sombra, e este seguiu tambem, por sua parte, o mesmo systema de fingimento. Vamos dar a palavra a um historiador moderno, que escreveu so-

bre o depoimento do chronista Ruy



RETRATO DE D. JOÃO II





SUPPLÍCIO DO DUQUE DE BRAGANÇA  
EM EVORA

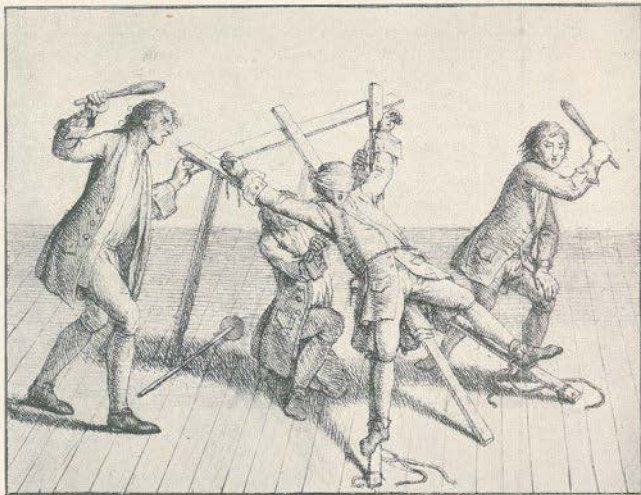
*Reprodução da aguarela executada  
para a nova edição  
da Historia de Portugal de Pinheiro  
Chagas*

de Pina, para mostrar a felonía com que D. João II procedeu n'esta occasião:

«O duque de Bragança, apezar do segredo completo da determinação de el-rei, recebeu de muitas partes aviso do que estava para lhe succeder. No dia 29 de maio de 1483 dirigiu-se ao Paço a despedir-se de el-rei para voltar ás suas terras; el-rei recebeu-o muito bem, ordenou a todos que se achavam presentes que os deixassem sós, e depois ouviu em silencio o duque de Bragança, que, renovando os protestos de fidelidade que lhe fizera em Almeirim, instou com elle para que fossem castigadas as pessoas que tinham feito com que o soberano concebesse suspeitas da sua lealdade. El-rei levantou-se, e pediu-lhe que o seguisse á guarda-roupa, porque a sala em que estavam era bastante escura. O duque seguiu-o, e, apenas chegaram á guarda-roupa, el-rei, sempre com o mesmo semblante pranteiro, declarou-lhe que, para se averiguar melhor o que havia de verdadeiro ou falso nas informações que recebera, e poder com segurança castigar os informadores, convinha que o duque se con-

Luiz XI, e a guarda do preso foi-lhes confiada. Nada mais! Com esta simplicidade se effectuou a prisão do duque de Bragança, do mais poderoso fidalgo de todas as Hespanhas.»

Em seguida começou a comédia do julgamento — «um verdadeiro assassinio judiciario», como lhe chama justamente Pinheiro Chagas. No conselho reunido immediatamente pelo rei, este chorou hypocritamente. Nomearam-se juizes, em numero de 21, e, para cumulo de irrisão, advogados para o accusado. Formulou-se um libello em 22 artigos. Ouvindo-o ler o culpado perturbouse, porque estava longe de suppôr que as negociações entabuladas com os reis de Castella fôsem tambem conhecidas. Comprehendeu logo que estava irremediavelmente perdido, e limitou-se, por isso, a responder com um versiculo, que, traduzido do latim, queria dizer: «Não entres em juizo com o teu servo, porque ninguem se justificará na tua presença.» Deixou-se d'ahi por deante de mais dissimulações, apesar de D. João II continuar a fingir-se, por sua parte, bastante pesaroso, insistindo sempre



O SUPPLICIO DE JOSÉ MARIA DE TAVORA, AJUDANTE DE ORDENS DO MARQUEZ SEU PAE  
*Reprodução de uma gravura do tempo*

siderasse preso, tendo a certeza de que seria tratado com toda a honra, e que não se lhe negaria nem defeza, nem justiça. Logo appareceram Ayres da Silva, e o valido Antão de Faria, o Tristam l'Ermitte d'este novo

em que os seus votos mais caros eram por que se comprovasse a innocencia do seu rival. Este, mantendo agora uma attitude nobre, desdenhou até comparecer nas audiencias, mandando dizer ao rei que achava mais proveitoso tratar





O FATEG DOS RICOS, NO PALACIO DE BELEM, ANTIGO PALACIO DO DUQUE DE AVEIRAS



com o confessor da salvação da sua alma.

Quando chegou a altura da sentença os juizes votaram unanimemente pela pena de morte, e, diz Ruy de Pina, «a cada voto, em que cada juiz concluia na morte do duque, el-rei chorava com grandes soluços e muita tristeza.» Interiormente devia rejubilar, porém.

No dia 20 de junho de 1483 representou-se o ultimo acto. Armou-se um cada-falso na praça de Evora, e D. Fernando, vestindo um longo ferragoulo negro e com as mãos atadas, foi entregue ás mãos do carrasco mascarado, que lhe decepuo, de um golpe de cutello a cabeça pousada no cepo. O cadaver foi depois enterrado sem quaesquer manifestações funebres, os bens da casa de Bragança confiscados para a corôa, e prohibiu-se que alguém tomasse luto pelo nobre fidalgo, aparentado com os mais illustres da côrte,—o que não impediu el-rei, como ultima hypocrisia, de andar vestido de dó durante tres dias.

Os irmãos e os filhos do duque haviam tido tempo de fugir para Hespanha. A respeito do marquez de Montemor, que fôra o principal instigador da mallograda conspiração, e que se refugiara na Andaluzia com o conde de Faro, enquanto os outros iam para a côrte de Castella, experimentava o rei uma especial decepção por não ter conseguido alcançal-o, e, no seu rancor in-

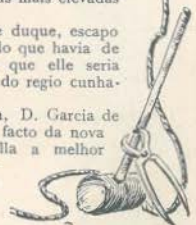
satisfeito, mandou executal-o em effigie, solemnemente, na praça de Abrantes. Foi uma comedia de outro genero, mas que teve um resultado inesperado. O foragido quando soube em Hespanha os pormenores lugubres, mas ridiculos, da sua decapitação em estatua, sentiu tal paixão, que perdeu todo o gosto á vida e morreu pouco depois de desgosto.

O ASSASSINIO DO DUQUE DE VIZEU  VARIAS CONSPIRAÇÕES  UMA SCENA CONTADA POR GARCIA DE REZENDE

Ao duque de Vizeu chamou D. João II e depois de o increpar severamente disse-lhe que lhe perdoava attendendo á sua juventude e á circumstancia de ser seu parente tão chegado, mas que tivesse cuidado d'ahi por diante, porque o exemplo do duque de Bragança lhe demonstrava que a elle lhe não custava decepar as mais elevadas cabeças.

Mas, a sorte do pobre duque, escapo d'esta vez, estava destinado que havia de cumprir-se mais tarde, e que elle seria tambem uma das victimas do regio cunhado.

Um bispo, o de Evora, D. Garcia de Menezes foi o chefe de facto da nova conspiração. Entrava n'ella a melhor parte da nobreza do reino. E o joven duque de Vizeu, que a impunidade desmoralisára, e que era,



parece, um espirito leviano e fatuo, foi feito, porventura mais por interessada imposição do prelado, do que por vontade propria, o seu chefe nominal.

O rei foi prevenido por traidores, como da primeira vez acontecera, e tambem como da primeira vez, adoptou o expediente da dissimulação. Estabeleceu espiões no campo inimigo, que o preveniam dos planos em que se ia assentando. D'esse modo podia esquivar-se á execução de todos os projectos, e ia preparando a vingança de um modo seguro.

Para avaliar como D. João II, que era valoroso e possuidor de verdadeira coragem, se acutelava, pondo aliás constantemente o maior disfarce nas suas precauções, basta recordar um episodio significativo referido por Garcia de Rezende. Depois da Paschoa de 1484 a familia real foi para Setubal, onde passava o tempo em festas e caçadas; mas, apezar de andar sempre bem armado, era raro que el-rei saísse sem que fosse acompanhado pelos seus ginetes, commandados por Fernão Martins de Mascarenhas, o seu guarda-corpo, em quem elle depositava a mais absoluta confiança. Ora, um dia, n'um passeio ao campo, os fidalgos, desesperados pelos repeti-

dos insuccessos, resolveram arriscar tudo e aproveitar a occasião para mata-lo. D. João II não estava d'essa vez precavido, mas presentiu pelas maneiras desusadas, pelas palavras confidenciais, pelo embaraço dos modos, qualquer coisa. Como por demais

foi-se approximando da egreja de Nossa Senhora da Annunciada, encostou-se á parede, e n'essa posição defensiva lançou a mão á espada, não arrestando pé até chegarem os ginetes.

Seria bastante laborioso formar a lista de todas as tentativas emprehidas e falladas, pelos fidalgos. A ultima foi a do dia da precisão de Corpus Christi em Setubal. Quando o cortejo passasse na rua de Troino, em um ponto determinado, os assassinos postados atirariam sobre o rei. Para isso, os cumplices fidalgos que o rodeavam abaxiar-se-hiam na occasião. Mas, D. João II, avisado ou por instincto, abaixou-se tambem. Ainda hoje existe no sitio esta legenda na parede, a memorar o facto: *Si Deus pro nobis, quis contra nos?*

Tal situação não podia prolongar-se com tudo. Durará até demasiado já. A tolerancia do rei devia estar cansada, principalmente dado o feitto do seu caracter energico e vingativo, a necessidade que lhe impunha a sua politica.

(Continua).



D. JOÃO II

Gravura pertencente á collecção da Bibliotheca Publica de Lisboa, e que tem esta assignatura: «Fran Harrewyn Calcographus Regius Sculp. Bruxel.» É provavel que os outros retratos, que inserimos n'este artigo, de D. João I, D. Duarte e D. João II, que são da mesma serie, tenham por auctor tambem aquelle artista beiga





# A AGONIA DO ENTRUDO ALFAGINHA (1908)



Varios aspectos das mascaradas nas ruas

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

# A FESTA DAS CRIANÇAS NO COLYSEU



O aspecto da sala do Colyseu dos Recreios na segunda feira de carnaval  
— Diversas mascaras infantis

(CLICHÉS DE BENOLIEL)



# ICONOGRAPHIA DO ATTENTADO



## O attentado de 1 de fevereiro

RECONSTITUIÇÃO DO DESENHADOR ALBERTO SOUZA PARA OS 48EROS DE FEVEREIRO, PUBLICADA TAMBEM EM BILHETE POSTAL

PROSEGUIMOS fazendo a reprodução, que contamos tornar tão completa quanto possível, das numerosas composições em que os desenhadores dos jornais illustrados dos diversos países procuraram reconstituir a scena do attentado de 1 de fevereiro. Ficará reunida, d'este modo, nas nossas paginas, uma collecção iconographica interessante e curiosa, quer sob o ponto de vista artistico quer sob o ponto de vista historico.

Algumas d'essas composições, como, por exemplo, a magnifica pagina dupla de Haenen no supplemento do *Graphic*, que já demos, reduzidas, no nosso numero passado, são, effectivamente, bellos trabalhos de desenho, perfeitos no detalhe. Outras, como uma

folha volante, que reproduziremos mais tarde, e cuja larga venda a ruiso determinou a tiragem de uma segunda edição, além da feita em bilhete postal, servem para mostrar o estado presente da arte popular nacional. Quanto ao grau de credito que podem merecer, na sua maior parte, as variadas reconstituições do attentado, ás vezes de pura phantasia,—como, para citar tambem um exemplo, no desenho do *Liverpool Courier*, que hoje inserimos,—teem os nossos leitores, assim, occasião de avaliar-o directamente. De algumas, poderão, contudo, aproveitar-se certos elementos parciais, que são, sem duvida, certos, e que n'um facil estudo comparativo promptamente se determinam.



## O attentado de 1 de fevereiro

RECONSTITUIÇÃO DE AUCTOR ANONYMO PUBLICADA EM UM BILHETE POSTAL

O attentado de 1 de fevereiro



RECONSTITUIÇÃO DO DESENHADOR WALLACE NO «LIVERPOOL COURIER» DE 4 DE FEVEREIRO

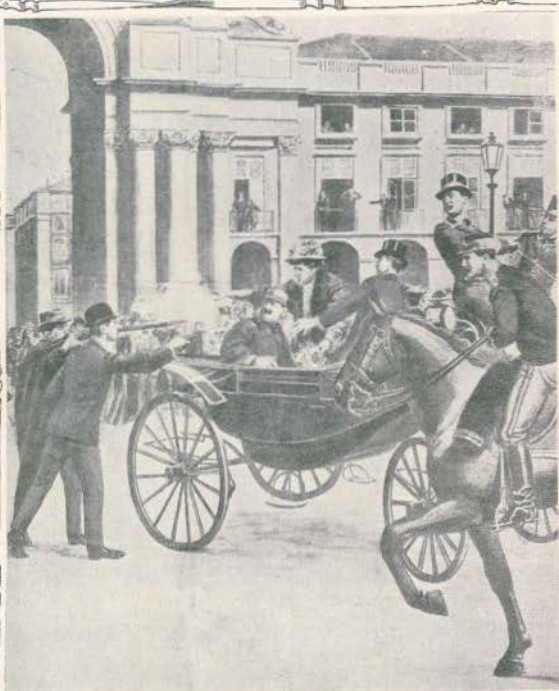


RECONSTITUIÇÃO DO DESENHADOR GASPAR TELLES PARA A «FOLHA DO NORTE» DO PARÁ



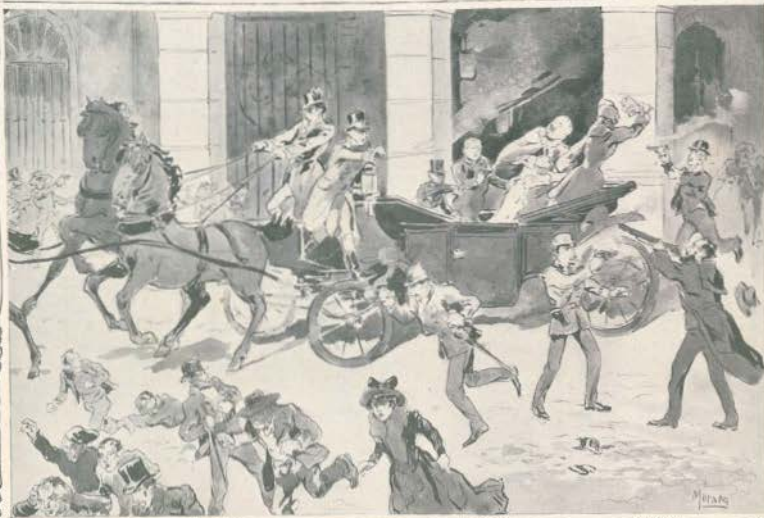


RECONSTITUIÇÃO DE J. CALDERÉ, ANTIGO COLLABORADOR  
DA «ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA»,  
PUBLICADA EM «LA ACTUALIDAD» DE 7 DE FEVEREIRO



Os que se entregam a averiguações historicas sabem bem, de resto, o que valem, apesar de todos os seus defeitos e inconvenientes, os documentos d'este genero, tão difficéis de encontrar colleccionados methodicamente em qualquer parte. E basta a instigação da curiosidade intelligente dos demais, para explicar o interesse evidente com que foi acolhida por todos a primeira serie de reproduções que publicamos no numero precedente.

Na serie que publicamos n'este numero figura tambem, como aconteceu na anterior, uma composição devida ao lapis de um antigo collaborador artistico da *Illustração Portuguesa*. E' a dupla pagina composta por Calderé para o jornal de Madrid *La Actualidad*.



### O attentado de 1 de fevereiro

RECONSTITUIÇÃO ANÓNIMA PUBLICADA EM «LOS SUCEOSOS DE 8 DE FEVEREIRO — OUTRA RECONSTITUIÇÃO DE ALFREDO MORAES EM UM BILHETE POSTAL





### O attentado de 1 de fevereiro

RECONSTITUIÇÃO DO DESENHADOR CYRUS CUNEO FEITA SOBRE UM ERBOÇO DE S. BEGG E PUBLICADA NA «ILLUSTRATED LONDON NEWS» DE 15 DE FEVEREIRO

# SPORT DE INVERNO PATINAGEM



A patinagem é o genero de sport que mais tem custado a aclimar entre nós, tendo falhado sempre as tentativas que comesse fim tem sido feitas em varias occasides. D'esta vez, porém, torna-se muito provavel que ella crie definitivos fóros de cidade em Lisboa. Pelo menos as sessões de patinagem, que se realisam desde ha algum tempo no Auto-Palace,



tem attrahido uma numerosa e entusiastica concorrencia de amadores, que parece nas melhores disposições de manter-se.

Em França, de resto, tambem levou seu tempo a introduzir-se tão interessante exercicio, que não é, como se sabe, isento de perigo. Nos paizes septentrionaes, principalmente na Suecia, na Noruega, na Hollanda e na Russia, em que a patinagem não constitue simplesmente um sport, mas um meio de transporte necessario, comprehende-se que a sua pratica seja bastante antiga.





Em Inglaterra, desde o século XII que, nos pântanos dos arredores de Londres, se deslizava com o auxílio de patins de osso, fabricados de queixadas de cavallo ou de boi, conservando ainda o British Museum, nas suas ricas collecções, exemplares d'esses engenhos primitivos; e um chronista conta que já em 1662 os gentlemen inglezes se divertiam a patinar em St. James's Park. Mas em França foi só no século XVIII que a patinagem conseguiu alcançar voga, e ainda bastante depois é que se tornou um dos sports favoritos dos parisienses, devido á fundação de sociedades especiaes, como o *Cercle des patineurs de Paris* e a criação de estabelecimentos que produzem o gelo artificial, tues como o *Palais de Glace* e o *Pôle Nord*, para não deixar de citar os dois mais afamados.

O sport da patinagem adquiriu tambem bastantes adeptos com a instituição, por iniciativa da *Societe internationale de patinage*, dos concursos ou campeonatos, que se tem realizado em S. Petersburgo, Berlim, Amsterdam, Copenhague e Davos-Platz.

Cumpra distinguir entre a patinagem de veloci-

conseguir assim realizar 30 kilometros por hora.

A patinagem é sempre um sport dos mais elegantes, e é por isso com satisfação que o vemos em vespéras de conquistar um papel preponderante nos habitos da nossa sociedade mundana, que começa a reunir-se já no Auto-Palace em grande numero para o praticar.

Entre os cultores mais ferventes que a patinagem tem já contam-se, como mostram as nossas photographias, as sr.<sup>as</sup> condessa de Jimenez y Molina e sua filha D. Angela, as sr.<sup>as</sup> D. Maria Guell y Bourbon, D. Mercedes Macuriges, D. Marjorie Villiers e D. Guadalupe de Castro, e os srs. barão de Wredenburch, José de Sousa Alte, Eduardo Romero, Jorge Bleck, E. Maia Cardoso, Eduardo Ferreira, Castro Silva, Carlos Maria, etc.



dade, que permite fazer 30 kilometros por hora, e o desenho de figuras, que consiste em traçar com o patim diversas curvas e figuras mais ou menos regulares. Ha, além d'isso, dois estylos diferentes de patinar, n'este genero. Um d'elles, introduzido pelo *Skating Club* de Londres e que é quasi só usado em Inglaterra, consiste em conservar um rigoroso apurmo na attitude do corpo. O outro, usado pela maioria dos patinadores dos outros paizes, permite uma maior liberdade de movimentos, aproveitando o jogo de todos os membros para manter o equilibrio. Ainda ha o systema chamado «canadiano», que consiste na execução de figuras com o auxilio dos dois pés ao mesmo tempo. Algumas vezes nas corridas suecas ajudam-se com vélas, chegando a





# Companhia do

Proprietaria das fabricas do Prado, Maritania e Sobrinho (Chomar), Benedict Gassal d' Hermio (Louza), Valle Añator (Albergaria a Velha).

Installadas para uma producao annual de cinco milhoes de kilos de papel e dispoendo dos machinismos mais apertecoados para a sua industria.

# Papel do Prado

Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressao e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricacoes especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou de redonda e de forma

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51



Ender. telegraphicos: LISBOA, COMPANHIA PRADO  
PRADO—PORTO—LISBOA Numero telephonicoo: 508

**PRISÃO DE VENTRE HABITUAL**

**ALOINA HOUDÉ**

**ENXAQUECAS  
FALTA DE APPETITE**

A. HOUDÉ, 29, Rue Albouy, Paris.



**Capas para encadernação**

Acham-se á venda bonitas capas em percalina para a encadernação do IV volume da Ilustração Portuguesa. Satisfazem-se promptamente todos os pedidos acompanhados da respectiva importancia que é apenas de 360 réis.

**Administração d' O SEculo.**

LISBOA



**ESCROFULA :: CHLORO-ANEMIA**

Authenticas (de Paris)

**PILULAS DE BLANCARD**

Exigir o verdadeiro Produto (assinatura, etiqueta verde, e endereço)

**XAROPE DE BLANCARD**

40, Rue Bonaparte, Paris (France).

**LYMPHATISMO :: DEBILIDADE**

NOUVEAU PARFUM  
PRINCIA VIOLET  
28, B<sup>is</sup> des Italiens, PARIS

PRINCIA VIOLET



**Photographies artisticas**

Jos museus e salons de Paris e do estrangeiro. Quadros para interiores de casas. Estudos d'arte em todos os generos. B'hetes postaes illustrados. Retratos e miniaturas em esmalte e ampliações etc.

Catalogo d'arte com 600 illustr. pelo preço de 2 fr. em estampilhas internacionaes ou vale do correio dirigido a Weiss, edicteur d'art. \*\* 23 RUE D'ENGHEN - PARIS

**Gaston Lot**

PROTHESE DENTARIA

EXTRACTO da Gomma sem dor desde 200 rs.

1500 res. Consultorio cirurgico-dentario, R. das Chagas, 42,1.

(Ao Calhariz)

TELEPHONE 1882

**BAUME BENGUÉ**

Cura Totalmente

**RHEUMATISMO**

**GOTA**

**NEURALGIAS**

D<sup>r</sup> BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



# Instituto de belleza

UNICA casa do mundo para o tratamento do rosto, hygiene, belleza e conservação da juventude. Productos scientificos invisíveis approvados pelo Laboratorio Municipal de Paris. Apparelhos e productos contra a obesidade e contra a excessiva magreza.

Agua e crèmes para branquear a pelle das mãos, luvas e aparelhos para o seu aformoseamento. Quem quizer conservar e embellecer a côr empregue todas as manhas os maravilhosos productos:

*Tintura vegetal garantida e inoffensiva. Locção capilar para evitar a queda dos cabelos e para impedir o embranquecimento, dando-lhe a sua côr natural. Depilatório perfumado com extracto d'ervas do Oriente (rosa) para evitar os pelos e fazendo-os desaparecer completamente.*

## Locção, Crème e PÓ KLYTIA

Instruções para o seu emprego

O INSTITUTO DE BELLEZA deseja ter agentes nas principaes cidades da Europa, preferindo casas perfumistas ou cabeleireiros para effectuarem a venda dos seus productos. Depositos em todas as principaes cidades da França, da Europa, Estados Unidos da America e no Cairo.

O Instituto de Belleza lecciona e dá curso de tratamento e embellezamento da pelle. Programma e condições. Envia-se catalogo geral a quem o requisitar.

26, Place Vendôme, 26 — PARIS

# BEBAM SÓ Collares Sandeman

O melhor Puro ramisco

Produzido nos araaes de Collares e entregue aos consumidores tal qual a cepa o deus

Pedidos a 21, Rua do Alecrim Telephone 51



## François RICHARD

Cabeleireiro e fabricante de posticos

51, Rue Cambon, 51

(Angulo do Boulevard da Magdalena)

PARIS

Para bem se pentear a si mesmo, é preciso vir experimentar os posticos artificiaes ou enviar a amostra dos cabellos applicando o gommec de penteado que se deseja, pois que obtera assim um bello penteado em friado natural e indesejavel.

Tintura inoffensiva em todas as côres  
Deposito da agua Hess contra a queda dos cabellos

## Concurso

de 1908



## CONFIDENCIA D'AMOR

Meigas palavras entram pelo ouvido  
D'esta gentil senhora enamorada,  
Que morre a suspirar por ser casada,  
E escuta a toda a hora o deus Cupido.

— Como resolvei a ser marido,  
Diz ella ao deus do amor, em voz de fada,  
Aquelle sem o qual a vida é nada,  
Aquelle que não sae do meu sent do?

— Nem só do amor se vive, lhe responde;  
Corta coupons e logo ao teu carinho  
O homem que tu adoras corresponde.

Pois antevê a beira d'um caminho  
O famoso chalet, no qual se esconde,  
Entre rosas em flor, o do e ninho...

Premios em dinheiro, riquissimas joias,  
magnificas mobiltas completas para  
quarto, sala e casa de jantar, vestuario  
de todas as especies, machinas de todos  
os generos, espectaculos maravilhosos e  
ludo, enfim, quanto é necessario a vida.

Comece hoje, amanhã ou em qualquer dia a vossa caderneta de 400 coupons, que podeis cortar do SEculo, da ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA ou do SUPPLEMENTO HUMORISTICO, ou ainda de todas essas publicações indistinctamente. Nos escriptorios do SEculo distribuem-se gratuitamente as cadernetas e enviam-se para a provincia a quem as requisitar mandando uma estampilha de 5 réis para porte de correio. Tereis um premio garantido, talvez uma fortuna. UM «CHALET», UM «YACHT», DOIS AUTOMOVEIS. Uma excursão a Ilha da Madeira em navio fretado expressamente pelo SEculo. Excursões á França, á Inglaterra e á Italia.